

NORMATIVA DE CRÍTICA

Mário de Andrade*

I

Crítica em absoluto ou crítica de relação

a) O crítico tem, mesmo que seja em início na consciência, uma nova doutrina de crítica, como por ex. um Taine, que possa abrir uma nova doutrina de crítica, de explicação e de compreensão da arte?

- 1º Si tem, a sua crítica deverá ser “em absoluto”: o crítico deverá se libertar de quaisquer contingências, quaisquer relatividades, quaisquer pragmatismos transitórios. Para ele são absolutamente iguais um Rebolo como um Rembrandt. A relatividade será de julgamento, e não de “atitude” de julgamento. Mas sempre o crítico deverá estar de sobreaviso a respeito de sua doutrina pessoal, pronto a abandoná-la em qualquer tempo, si a reconhecer falsa.
- 2º Si o crítico não tem essa doutrina pessoal, mas aceita integralmente de princípio a fim, uma doutrina filosófica de crítica de arte, a sua atitude crítica ainda deverá ser “relativamente” em absoluto. Quero dizer: a ele não interessa apenas o julgamento artístico (reparar que não digo “estético”,

* O texto, datilografado em seis páginas de papel timbrado “M. E. S. Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional”, integra o Arquivo de D^a Yedda Braga Miranda, viúva do diretor da *Revista Acadêmica*, Murilo Miranda. No alto da primeira página, manuscrito a tinta preta, se lê: “Acabo de reler isto. Acho muito fraco e especialmente dirigido pras artes plásticas. Mas não tenho tempo de fazer coisa mais clara nem mais completa. Vai assim mesmo. M.”

Sem data de redação, o texto é, sem dúvida, posterior a fevereiro de 1941, quando Mário regressa a São Paulo comissionado pelo SPHAN, e anterior a fevereiro de 1944, quando alguns conceitos aqui esboçados encontram forma definitiva na série *O Banquete da Folha da Manhã*.

mas: “artístico”), mas a verdade acreditada de todo um sistema filosófico, que ele deverá honestamente expor, praticar e impor. A relatividade, aqui, continua apenas de julgamento e não de atitude. A diferenciação de relatividade é aqui, não um caso moral do indivíduo-crítico, mas um caso de “idealismo”. E segue um sistema de idéias que não é novo, que ele adotou e, pois que o aceita como verídico (não precisa aceitá-lo como “verdadeiro”, basta “verídico), o tem que disseminar como o mais útil Pragmatismo idealista.

- 3º Sí o crítico não tem nenhuma doutrina filosófica, nem sua nem alheia a aplicar, ou querer aplicar, o seu processo de crítica não deve (nem pode!) ser “em absoluto”. Ele só pode praticar uma crítica de relação. O que importa agora, e decisorivamente, é determinar e firmar fixamente quais as espécies de relatividade a que ele obedecerá para que a sua crítica exista como tal, isto é, como crítica. (...) Porque, si nas outras duas espécies de crítica, a moralidade em si não existe, e ela deriva e depende do sistema, da doutrina filosófica adotada, e, por mais “escândalos” que causa o crítico deverá apenas ser indiferente a eles, pois que, no caso, a moral é *uma consequência*: neste terceiro caso, porém, a única coisa que realmente libera o crítico das contingências vitais (foda, amizade, um bom jantar, ódio, um calo que está doendo, um artrismo exacerbado por inverno úmido, um telegrama de guerra ou de negócios, uma simpatia improvável etc., etc.), é que este crítico *tem de ser preliminarmente moral*. Quer dizer: *praticar o Bem*. O crítico tem de praticar o Bem. Este Bem é que é uma relatividade. É *um bem qualquer*. Mas pra que não seja *amoral*, não seja “impressionista”, enfim: pra que seja moral, esse Bem visado *tem de ser preliminarmente estabelecido*. A própria imoralidade, preliminarmente estabelecida, se torna de alguma forma moral, porque se organiza em *sistema do ser*, em procura de um Bem. O mal, a safadeza, a mesquinhez não é ser imoral, é ser amoral, bafejado por impressionismos de mil e um ventinhos e brisas. “Vítima imbele que o tufão levou”.

* * *

Escolhidas a 1ª ou a 2ª atitudes, nada mais se pode decidir. São as “doutrinas” que decidem tudo. Mas suponhamos que o indivíduo que se deseja crítico, esteja no terceiro caso (tão honesto, tão elevado, tão útil como os outros, pois que os críticos de doutrina jamais foram decisórios): neste 3º caso já podemos então estudar os processos de “moralização” do crítico. Isto é: como ele pode praticar o Bem.

Só neste 3º caso interessam as considerações que vão seguir, reduzidas ao mínimo de perguntas e ao minimíssimo possível de comentários, pra não levar estas sugestões ao tamanho de um livro.

* * *

DA ARTE

- a) A arte é eterna ou é *uma função vital como qualquer outra?*
- b) *A arte é um processo de conhecimento ou é um processo de divertimento gratuito?*
- c) A arte nos propõe uma mentira da vida ou uma “nova síntese” da vida?
- d) A arte, como fenômeno social:
 - 1º é meramente individualista?
 - 2º ou é simplesmente “livre”?
 - 3º ou é socializada?
- e) Si a arte é livre:
 - 1º a proposição artística (a obra-de-arte) do artista *tem* de ser original; ou *pode* ser tradicional? (O que é “ser original” em arte? É ser o artista um fruto das suas “origens”, isto é: pode se parecer com outros, contanto que esta parença seja *apenas* uma coincidência, ou *também* uma incorporação, não apenas honesta mas necessária, fatal de personalidade? Ou ser original é o artista, ultrapassar as suas origens, e apresentar uma obra que pela sua diferença, seja reconhecível sem assinatura?)
 - 2º a proposição do artista *tem* de ser essencial para a humanidade, de qualquer forma “essencial”, ou *pode* ser particular, transitória, episódica?
 - 3º a proposição do artista *tem* de ser humana, ou *pode* ser desumana, *pode* ser divina?
(si *tem* de ser humana, deve de qualquer forma trazer uma contribuição para humanidade *enquanto vida*, quer na transcendência da eternidade da vida terrestre, quer na

relatividade da vida histórica, isto é, do momento. Interessa muito decidir isto, pra aceitar ou negar a arte como pura manifestação da beleza em si (arte-pura, arte estética); pra relacionar a importância do assunto; pra relacionar a importância da técnica; etc. Eis alguns exemplos de “valorização” crítica: Um quadro que pinta maravilhosamente bem, em técnica perfeitíssima embora não original, Noé bêbado, deve *pesar* mais ao crítico, que o mesmo quadro mas Noé não bêbado? Si Noé bêbado, mas com novidades técnicas *fecundas* da pintura, passíveis de desenvolvimento futuro, o peso deve ser maior? Si mal desenhado mas em ótima pintura um quadro a óleo sem assunto, deve pesar mais que outro mal desenhado, em pintura medíocre mas antinazista em 1941? etc. etc.

- b — Si a arte é socializada:
- 1º Pode ser arte “dirigida” pelo artista?
 - 2º Deve ser apenas arte “sentida” socialistamente, isto é, em função da sociedade?
 - 3º Si dirigida ou apenas sentida numa orientação social diferente da do crítico, deve pesar mais a ele, assim mesmo, que manifestações de arte-pura, de arte hedonística?
 - 4º Mesmo aceitando a arte socializada, deve o crítico fazer crítica:
 - a) de partido?
 - b) de combate?
 - c) pragmática?
 - d) ou independente, não quanto ao “social” da arte (já aceito) mas quanto ao valor da obra ou do artista?

* * *

DO BELO

- a) A beleza é um *complexo objetivo-subjetivo*, ou é apenas um fenômeno objetivo?
- b) A Beleza é o fim da arte ou uma conseqüência da *arte*?
- c) Ou é apenas uma circunstância *permanente* da arte, quero dizer: ser um fim, ser o único fim, ser um para-fim?
- d) A técnica deve coexistir com a obra-de-arte, ou desaparece desde que a obra seja dada por concluída pelo artista?

- e) Quais as relações da técnica com a obra-de-arte? Quero dizer:
- 1º Quando deve o crítico falar em técnica? Apenas quando esta é deficiente a ponto de prejudicar a obra-de-arte, ou sempre?
 - 2º A consideração técnica ensina “alguém” a compreender a obra-de-arte?
 - 3º A consideração técnica auxilia ou prejudica o progresso do artista? Deve ser feita apenas quando pode auxiliar ou em qualquer caso?

* * *

DA CRÍTICA

a) A crítica é uma arte ou uma ciência?

b) Ou a crítica é apenas uma pedagogia? (Pedagogia tomada aqui só no sentido de “ensinar”).

c) Peso “social” da crítica: Visa o público, visa o artista, visa o crítico? Em que circunstâncias deve variar a visada do crítico?

d) Quais os elementos que devem aparecer normalmente numa crítica? A Sociedade em função do:

- | | |
|------------------------------------|---|
| Crítico | 1º Deve haver um comentário geral inicial situando a manifestação artística que se vai estudar? |
| O Artista | 2º Deve haver uma explicação do artista, isto é, estudá-lo em sua psicologia enquanto homem? ou apenas enquanto artista? Si homem entram nesta explicação a época, a raça, o meio, o indivíduo; si artista só as idéias artísticas do cara. |
| A Obra-de-Arte | 3º Deve haver uma explicação das obras-de-arte apresentadas, pra ver como o “psicológico” artista se realizou na luta do ser contra o não ser, isto é, os elementos objetivos da arte? ou apenas uma explicação da obra-de-arte em si? |
| O crítico como função da sociedade | 4º Deve haver uma conclusão tirada da soma dos elementos expostos acima? Esta conclusão é uma distribuição de prêmios? Qual a relatividade e a intensidade do elogio ou da censura? Deve ser um “julgamento”? ou deve ser um “convite” à compreensão? |

e) É humanamente possível ao crítico praticar a Justiça? ou apenas a justiça? ou a crítica é um ato de *Charitas*?

Não tenho a menor intenção de praticar paralelismos, mas é indiscutível que si o crítico pretende a Justiça, a crítica é uma Fé. Si apenas a justiça, a crítica é apenas uma Esperança; si um ato de *Charitas*, a crítica é apenas uma Caridade, isto é, um ato de Amor. Confesso que o terceiro caso me parece mais humano, mais fecundo. É o único que realmente se acomoda com as relatividades, os pragmatismos, as acomodações. Mas por outro lado é porta aberta a todas as fraquezas e... safadezas.

* * *

DO CRÍTICO

- a) O crítico deve freqüentar os artistas que critica?
- b) O crítico deve tomar a crítica como “profissão”, embora tenha outra?
- c) O crítico deve “ler” críticas alheias ou não?
- d) O crítico deve aceitar “presentes” dos artistas que vai criticar, e mesmo depois de criticados?
- e) O crítico deve praticar a arte que critica, ou é melhor sabê-la apenas teoricamente?
- f) É absolutamente necessário ao crítico saber a técnica da arte que critica?
- g) O crítico *deve* ouvir a opinião de outras pessoas que pesem, antes de criticar? ou apenas *pode* ouvir essas opiniões, ou não pode ouvi-las de maneira nenhuma?
- h) Quais as qualidades temperamentais que o crítico deve desenvolver, treinar em si mesmo?
 - Coragem física?
 - Coragem moral?
 - Paciência?
 - Entusiasmo?
 - Independência?
 - Humildade?
 - Orgulho?
 - Delicadeza?
 - Curiosidade?
 - Indiferença?
 - Etc.